



A PRODUÇÃO CULTURAL DIANTE DA IDENTIDADE IMERSA NA MODERNIDADE LÍQUIDA

Ana Julia Dotto Guaragni¹
UFSM/PPGART
Associado/a/e ANPAP: não

RESUMO

O presente resumo, a partir dos pensamentos de Marilena Chaui (2008) e José Jorge de Carvalho (1991) sobre a cultura, procura entender a obra de arte da artista e autora do mesmo como produção cultural. Desse modo, a compreensão de produção cultural parte de sua temática que confronta a modernidade líquida expressa por Bauman (2001) e expõe as consequências através da linguagem da pintura. Assim, a pesquisa aborda as identidades compreendidas em fotografias de infância da artista, de modo a resistir a memória em meio ao mundo da instantaneidade.

PALAVRAS-CHAVE

Cultura. Identidade. Memória. Modernidade líquida.

Introdução

Entendo a arte como uma produção cultural moldada pelo intelecto — com base em estudos teóricos, filosóficos e históricos — aliada à sensibilidade e subjetividade do artista. Neste artigo, apresento parte do meu processo criativo como artista pesquisadora, abordando meu trabalho poético em diálogo com autores e manifestações culturais nele presentes. Introduzo brevemente o conceito de cultura a partir de Chauí (1995), que a define como ideia de civilização e cuidado humano com a natureza, ambas ligadas ao ser humano. Assim, a cultura envolve o sujeito e se conecta à identidade de cada um. A partir disso, diferencio minha produção da cultura de massa, destacando a subjetividade e o pensamento crítico no processo artístico.

Ao longo da pesquisa, investigo fotografias analógicas da minha infância deixadas por pessoas próximas, buscando identificar mudanças causadas pela pós-modernidade. Para isso, recorro a Stuart Hall (2014) e suas reflexões sobre identidade cultural na pós-modernidade, observando como ela se manifesta nos elementos das imagens — objetos da casa, móveis, cores, roupas, acessórios, animais, plantas, entre outros. Cada detalhe visível carrega traços de uma identidade cultural em constante transformação, especialmente dentro da "modernidade líquida" de Bauman (2001). As materialidades ao nosso redor costumam refletir o modo de ser dos que habitam certo



espaço, mas, nesse contexto líquido, tornam-se instáveis e passageiras, expressando uma identidade volátil e em constante movimento.

“Instantaneidade” significa realização imediata, “no ato” – mas também exaustão e desaparecimento do interesse. A distância em tempo que separa o começo do fim está diminuindo ou mesmo desaparecendo; as duas noções, que outrora eram usadas para marcar a passagem do tempo, e portanto para calcular seu “valor perdido”, perderam muito de seu significado – que, como todos os significados, derivava de sua rígida oposição. Há apenas “momentos” – pontos sem dimensões (BAUMAN, 2001, p. 137-138)

Investigo, portanto, a mudanças das identidades que compõem as fotografias, de modo a identifica-las com a passagem do tempo desde aquela época. Para tanto, devo notar dois tempos diferentes: o tempo passado (o da imagem fotográfica) e o tempo presente, em que convivo com lugares que são os mesmos espaços físicos, porém distintos em suas noções espaço/tempo.

Compreendendo as mudanças ocorridas de acordo com o que é visível na imagem, meu trabalho como obra de arte, dá-se na linguagem da pintura, num enviesamento de imagens fotográficas do passado com o presente, em que os dois espaços/tempo coexistem, através de objetos que expressam a identidade cultural de quem vive naquele lugar.

As culturas em meio a instantaneidade e as identidades na imagem fotográfica

Marilena Chaui (1995) define cultura como o cuidado da natureza pelo ser humano e como formação de uma civilização — modos de vida escolhidos por indivíduos ou grupos. Com o tempo, o conceito se expandiu para incluir relações entre humanos, natureza, tempo, espaço e suas produções simbólicas. Isso gerou divisões culturais como “dominante e dominada, opressora e oprimida, de elite e popular” (CHAUÍ, 2008, p. 58), sempre marcadas pela presença do “outro”.

Chauí aponta que a cultura dominante tende a invisibilizar as demais ao se apresentar como cultura de massa — vendável, ilusória, ligada ao entretenimento. Essa cultura reaproveita elementos populares, transformando-os em passatempo, o que causa alienação sob a aparência de lazer. Diferentemente da cultura como criação intelectual e sensível, a obra de arte possui três características: 1) expressão do intelecto do artista; 2) concretização de ideias abstratas; 3) acesso aos bens culturais em uma sociedade dividida (CHAUÍ, 2008, p. 61).

Com base nisso, entendo minhas pinturas como produção cultural além do lazer, pois abordam transformações identitárias após a globalização. A partir de memórias de infância resgatadas em fotografias familiares, insiro meu pensamento artístico no processo criativo. Ao me distanciar da lógica fugaz do presente, proponho uma resistência à cultura de massa por meio da evocação de memórias anacrônicas que contrastam com o ritmo acelerado global.



Ao dialogar com Chauí (2008), justifico minha produção como cultura no contexto globalizado, onde a tecnologia impacta a memória e a identidade. Busco em fotografias da infância — preservadas por minha mãe — fragmentos de um passado simbólico. Como afirma José Jorge Carvalho: “há de se defender a presença dos símbolos tradicionais [...] porque seu espaço de atuação foi reduzido pela indústria cultural” (CARVALHO, 1991, p. 21).

Didi-Huberman (2015) complementa: “diante de uma imagem eu posso olhar para ela, mas ela devolve de maneira mais profunda seu olhar”, revelando camadas de passado, presente e futuro. Nessas imagens, objetos, vestimentas e ambientes expressam identidades culturais impactadas pela globalização, que rompe com tradições. Bauman (2001, p. 145) observa que, na modernidade líquida, “o oposto dos objetos duráveis são os transitórios”, refletindo identidades cada vez mais efêmeras. Stuart Hall (2014, p. 42) aponta que, diante da “infiltração cultural”, torna-se difícil manter as identidades intactas: elas flutuam como em um “supermercado cultural”.

Nesse cenário, o sujeito pós-moderno escolhe, entre fluxos de informações, aquilo que o representa. A Imagem 1, fotografada por minha mãe em 2005, em minha antiga casa, registra não só um momento afetivo, mas uma identidade cultural em transformação.



Imagem 1. Fotografia analógica, 2006. Fotografia: Lucelaine Dotto.

Na imagem fotográfica está o meu eu do passado, vivenciando a infância após ganhar uma guitarra com microfone de brinquedo no Natal. Eu estava arrumada, como se houvesse um evento naquela noite. O pinheirinho ao fundo lembra as memórias de montá-lo com minha mãe, decorando com bolinhas coloridas e colocando as peças de gesso do presépio. Na época, ainda não tínhamos luzes de pisca-pisca, e a estante não exibia uma televisão, mas sim um rádio antigo que tocava fita cassete e CDs. À



esquerda da imagem, um sofá-cama estampado aparece, e como outros objetos presentes, acompanhou minha infância e ajudou a formar minha identidade.

Por outro lado, compreendendo que o sujeito pós-moderno não possui identidade fixa, percebo as mudanças ocorridas ao longo do tempo ao observar esse mesmo espaço no presente. O local registrado na fotografia de 2005 é revisitado na imagem de 2024, identificada como Imagem 2, e continua sendo a casa de meus pais. Porém, agora reflete as identidades dos sujeitos que lá vivem, revelando transformações materiais e simbólicas entre passado e presente.



Imagem 2. Fotografia digital, 2024. Fotografia: Lucelaine Dotto.

Com o tempo, muitas mudanças ocorreram nesse canto. O pinheiro de Natal não aparece mais; agora há uma samambaia, que minha mãe ganhou da minha avó há mais de 30 anos, carregando forte valor afetivo. O violão é do meu pai, que gosta de música, mas não sabe tocar. A televisão, diferente do antigo rádio, não toca música, mas transmite futebol, que minha mãe adora. A janela é a mesma, só foi pintada. Lembro do dia em que ajudamos a desmontar a estante da Imagem 1 para jogar fora. Hoje, há um rack que apoia a TV e outros objetos, como o porta-retrato da minha formatura, presente para meus pais. Esses objetos refletem as identidades culturais da minha família no presente.

Essas transformações misturam diversas identidades, às vezes contraditórias. Como diz Stuart Hall, o deslocamento “desarticula as identidades estáveis do passado, mas também abre a possibilidade de novas articulações – a criação de novas identidades” (HALL, 2014, p. 14). Assim, as identidades são fragmentadas e descentradas no mundo globalizado, compondo sujeitos pós-modernos que flutuam no “supermercado cultural”, sem uma identidade fixa. Os modos de ser são incoerentes e contraditórios. A partir dessa estrutura do sujeito, na próxima sessão abordo minha pesquisa poética em pintura baseada nas fotografias apresentadas.



A maleabilidade do tempo na arte contemporânea

Ao trabalhar com as múltiplas identidades reveladas nas fotografias, produzo uma nova imagem: uma pintura, obra final do meu trabalho poético, ilustrada na Imagem 3. Nela, assim como as identidades pós-modernas, que não são coerentes nem contínuas, quebro a linearidade do passado, presente e futuro.



Imagem 3. Sem título, 2024. Pintura acrílica sobre papel, 15cm X 10cm. Pintura: Ana Julia Dotto Guaragni.

Ao mesclar o espaço-tempo das duas fotografias em uma única composição, crio uma imagem anacrônica, que não pertence ao passado, presente ou futuro. Objetos de diferentes épocas coexistem, carregando suas histórias, gerando um enigma que convida o espectador a uma imersão prolongada. Essa anacronia resiste à cultura de massa e à fluidez da modernidade líquida, rompendo com o entretenimento instantâneo. Minha busca pelo passado, menos acelerado, é um ato de resistência diante da indústria cultural que, como diz Carvalho (1991, p. 17):

A moda, a TV, os brinquedos eletrônicos, os adornos plastificados, os fetiches do consumo industrial, é basicamente a experiência do transitório: ajuda as pessoas, numa vida cada dia mais acelerada e cambiante, tal como é o caso na moderna urbe industrial, para a qual se dirige prioritariamente, a se livrarem do peso e da responsabilidade da memória. (CARVALHO, 1991, p. 17)

Os objetos que conviviam no espaço das fotografias, marcando as identidades de meus pais e a minha, mudaram com as novas conexões globais, onde tempo e espaço se distanciaram, fragmentando identidades. Contra essa fragmentação, minha pintura anacrônica confronta o tempo linear, tornando o espaço-tempo maleável,



característica da produção cultural contemporânea, alinhada aos artistas que me inspiram.

Assim, minha obra propõe uma reflexão sobre a identidade cultural em transformação, ao mesmo tempo em que resiste à efemeridade da cultura de massa, reafirmando a profundidade e o valor da memória no contexto globalizado.

Referências

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

CARVALHO, José Jorge de. *As duas faces da tradição: o clássico e o popular na modernidade latino-americana*. Brasília, Série Antropologia, 1991.

CHAUI, Marilena. *Convite à Filosofia*. Ática, 1995.

CHAUI, Marilena. *Cultura e democracia*. *Crítica y Emancipación*, (1): 53-76, 2008.

DIDI-HUBERMAN. *Diante do tempo: História da arte e anacronismo das imagens*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2015.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Lamparina, 2014.

Notas

¹ Mestranda em Artes Visuais, integrante do Grupo de Pesquisa Processos Pictóricos - GPICTO – Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). E-mail: anajuliadg@hotmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0009-0009-8292-251>. Lattes ID: <http://lattes.cnpq.br/6877406314554318>.